

# NASA, abril, 2020

—— NATÂNIA LOPES ——

intransitiva

TRANSFORMAÇÕES DO EU E DO OUTRO (V. 6, N. 1, 2022)

# NASA, abril, 2020

Natânia Lopes

A casa é um barco boiando numa poça de vírus. Uma poça, sim. Barco não boia em poça, mas os sentidos não são mais os mesmos... e mesmo o meu pacto com o fora, que nunca foi lá essas coisas, agora é essa coisa, justamente, que me liga ao resto do mundo: ninguém sai.

Eu estudo, escrevo, eu limpo tudo, cuido de planta e de bicho, com meus amores simbióticos apensados, presos na gaiola como eu fantasiava que fosse. Estou feliz.

Lá fora a morte de foice decepa cabeças, mãos, línguas afiadas... bebe, vampira, o sangue doce, explode pulmões como bexigas de festa. Apocalíptica.

E aqui é o cheiro de pinho no chão, de quentura de forno, é o vento que entra pela janela balançando a cortina, limpo, eu espero. Desespero todo dia um pouco, parcimoniosa, porque eu desesperava pelas ruas vez ou outra, mas era muito. Como se tivesse metido a cabeça numa nuvem de vespas. Me perdia. E o mais grave era a sensação de solidão.

Agora é normal se avespar inteiro, e eu nem isso... Não estou sozinha. Nunca estou sozinha com meu amor e meu filho, meu gato, outro gato, outro gato, outro gato, cachorro, cachorro, planta, planta, planta, tanta planta... passarinhos que vêm voando não sei de onde,



mas limpam as patinhas nos galhos antes de beber água com açúcar. Uma graça como pedem licença!

Essa casa minha era da mãe da minha mãe. Dizem que mudei ela toda, mas é ela que está me mudando. Eu estou mudando nela, na casa, na mãe, na vó... Tem fantasmas que eu reconheço passando de um lado pro outro, nos cantos das vistas. Tem rachaduras nos azulejos que a vó fez socando alho com raiva, batendo bolo com pressa... tem o caixão do meu vô sendo carregado pra fora da porta da cozinha e ela chamando “meu velho”, chorosa, tentando fazer passar pela garganta estática um copo de mingau de milho. Brigaram tanto a vida inteira... praguejavam... E minha avó ficou tão desarmada depois. A vida desarma a gente; a dor é sobre-humana.

Entrei aqui fazendo birra porque tinha uma lajota de piso diferente das outras bem no meio da sala, porque a janela da sala tinha sido trocada por uma menor e ficou uma barra feia de cimento tapando a diferença. Saí da sala. Estou na cozinha, no banheiro, na área de serviço que é a casa inteira vista do lugar onde me pus. Não tenho tempo e o tempo até dá um pouco. Nunca tive tempo...

Ilustração de Mariana Cherulli



Hoje pudei a murta pra jogar sol na papoula, arrematei uns ramos descabelados da trepadeira, lembrei de como eu queria cuidar de jardim quando era menina e de como estranhava esse querer também. Como a gente demora a entender as coisas!

Mas o vírus! O vírus...

Digo que a gente demora a entender por que entre meu espanto e a aceitação do gosto por meter as mãos na terra e me furar no espinho, ver uma folhagem vicejar, foi longa a estrada. Flor entupindo o cano do meu trabuco, literalmente? Quase. O trabuco nunca é literal, até quando é.

Minha avó tinha uma vez uma faca pra cortar meu avô, mas não era a faca que importava. Ela podia esfaquear sem faca se fizesse de conta que tinha uma faca na mão. Bicha braba, minha avó. Séria. Morreu de velha, desfeita em água com uma pane linfática. Não tinha nada disso de vírus naquela falência múltipla de órgãos, naquela pele de esponja, calçada com paninhos.

Mas o vírus, este vírus é alienígena. Não explico pra não pecar por excesso de coerência.

## Sobre a autora

Natânia Lopes tem 35 anos, é antropóloga e socióloga com mestrado e doutorado em Ciências Sociais pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ) e pós-doutorado em Letras pela Universidade Federal Fluminense (UFF). Tem um filho de 4 anos, 7 gatos e 2 cachorros, com os quais vive numa casinha suburbana no Rio de Janeiro. Interessa-se, atualmente, por estudos de esquizoanálise e é ativista do movimento brasileiro de prostitutas (a Rede Brasileira de Prostitutas e o Coletivo Puta Davida).